



O CONTEXTO OU UM LUGAR PARA O CURRÍCULO HIPERTEXTUAL: A CONTEMPORANEIDADE COMO ESPAÇO REFLEXIVO CURRICULAR

Márcia de Freitas Cordeiro*

Resumo: *Este artigo tem como objetivo apresentar uma breve reflexão acerca do contexto em que o currículo hipertextual se insere, a contemporaneidade, e sua relação com o currículo, partindo dos aspectos da modernidade e pós-modernidade, a relação entre elas, refletindo o contexto escolhido sob alguns aspectos como a diferença, as Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, o conhecimento etc, culminando em um recorte da contemporaneidade numa perspectiva humanista, como uma possibilidade instituinte de espaço reflexivo curricular.*

Palavras-chave: Contemporaneidade; Currículo hipertextual; Espaço reflexivo curricular.

INTRODUÇÃO

A necessidade de se pensar um contexto como espaço reflexivo, se dá pelo entendimento de que para tudo existe *um lugar* ou *múltiplos lugares*. Por isso, a opção de se pensar “um” e não “o lugar”, se dá em virtude de que mesmo quando se quer retornar a algum lugar, nunca se retorna ao mesmo, uma vez que se está condenado ao rio *heraclitiano* ou simplesmente ao seu *dever*: “Não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio (fgt. 91), [...] nem sequer se toma banho uma única vez. Por isso, tudo corre e nada permanece [...]” (BRUM, 1991, p.45). Certamente, por hora, é que em *um lugar* ou *lugares* na multiplicidade das possibilidades, o homem quer sempre um início.

Falar da contemporaneidade não se aproxima de nenhuma tarefa fácil, ainda que metodologicamente se faça um recorte. Isto porque, dois fatores interligados entre si impedem esta tarefa de ser executada sem dificuldade. O primeiro, situa-se em reflexões incipientes do que seja a própria contemporaneidade, em que sempre se prioriza a discussão sobre “modernidade”, “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, enfim, outras tantas terminologias que possibilitam aos seus debatedores demarcar os seus recortes em tempo e espaço; o segundo, refere-se ao tratamento extremista que é dado, privilegiando um debate que se limita a uma tomada de posição entre, por exemplo, estar na “modernidade” ou na “pós-modernidade”, na busca de uma comparação “entre”, sem estar “com” ou pensar “para”. Diante do exposto, pretende-se refletir sobre um lugar, compreendido como espaço de reflexão, como aponta Maffesoli:

A “mediância”, tal como definida por A. Berque, e a “ligância” a que ela induz são bons instrumentos para apreender a mudança de episteme que se vem operando nas sociedades contemporâneas: a saber, resumidamente, que já não são a história e o desenvolvimentismo por ela secretado que estão em primeiro plano, ou seja, que já não é um mundo futuro, puro, “numenal”, que ocupa o

* Bacharel em Filosofia, com Especialização em Educação, Tecnologias da Informação e Comunicação e Mestrado em Educação e Contemporaneidade. (Professora do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias do Campus XXII/Euclides da Cunha da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: cordeiro_mf@yahoo.com.br – Autor).



imaginário coletivo, mas sim, ao contrário, o mundo fenomênico e "seus componentes sensíveis e concretos" — donde, por exemplo, na tradição japonesa, a importância do "lugar" (*basho*) na constituição da sociedade. Essa referência ao "lugar", característica do imanentismo nipônico, pode ser considerada, no tocante à pós-modernidade, como o vetor do estar-junto social, assim como o foi a dinâmica histórica no tocante à modernidade. Mas o aspecto arraigado do mundo fenomênico, além do fato de que ele nega ou toma como uma quantidade desprezível a projeção no futuro, a busca dos róseos amanhãs, enfatiza a experiência que me liga aos outros. À *óptica* (a visão do longínquo) que é própria do progressismo opõe-se o *tátil* (o tocar, o próximo) que é próprio do localismo. Como vemos, se estas hipóteses não são totalmente infundadas, é realmente sobre uma mudança de episteme que somos convidados a refletir (MAFFESOLI, 2004, p. 50).

Conforme Lima Jr.¹, “contexto” e “lugar” na reflexão de Maffesoli referem-se à instância simbólica na qual sujeitos e coletivos sociais fazem convergir sentido de valor, de interesse, de desejo, entre outros, em relação a objetos materiais, constituindo-os. Assim, é na instância simbólica que os processos sociais, históricos e materiais se singularizam e assumem concretude, de modo que, não há como separar ou disjuntar a subjetividade humana na constituição e compreensão da racionalidade e seus objetos. Maffesoli traz esta perspectiva para a compreensão da coisa social.

É esse lugar que contextualiza o Currículo Hipertextual, levantando alguns pontos, que localizados nestes limites, apontam os fundantes deste currículo.

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: O INÍCIO DO ESCLARECIMENTO

Para que equívocos sejam evitados acerca da compreensão sobre a contemporaneidade, há também que se voltar para a modernidade e a pós-modernidade, evitando uma taxonomia, mas procurando elementos históricos que situam e referenciam e, ao final, estabelecer a compreensão sobre a contemporaneidade e o porque de se encontrar neste “lugar”. Assim sendo, a modernidade é o ponto inicial deste “situar-se”, pois como bem afirmou Harvey:

A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica. Se há algum sentido na história, há que descobri-lo e defini-lo a partir de dentro do turbilhão da mudança, um turbilhão que afeta tanto os termos da discussão como o que está sendo discutido (HARVEY, 1992, p. 22).

Além do mais, como não há uma linha rígida que divide a modernidade e a pós-modernidade, mas há apenas algumas características de uma se sobrepondo as da outra, e a conservação, ao mesmo tempo, de um sujeito que ora se espanta e ora se refugia. Dessa forma, a modernidade, com alguns de seus traços, situa-se em um momento que, para iniciar, pontua-se o modo de produção capitalista, dentro de uma economia semi-industrial, com uma tecnologia de grandes invenções, ascensão da burguesia ao poder político e econômico e o surgimento da classe operária, mas também um campo aberto a grandes revoluções. Do ponto de vista do

¹ Em entrevista em 15.04.2008. LIMA JR. é Doutor em Educação, Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, com pesquisas na área de educação, currículo e tecnologias de informação e comunicação - TIC.



pensamento e racionalidade da época, a filosofia e a ciência modernas trouxeram uma compreensão de mundo positivista, tecnocêntrica, que supervalorizou a razão, o que favoreceu um pensamento linear, verdades universais e absolutas, com vias a uma padronização não apenas do conhecimento, da ordem social e política, mas também, da arte, da cultura, onde foram definidos padrões artísticos.

É na modernidade que os sistemas artísticos foram codificados nas cinco belas artes visuais (desenho, pintura, gravura, escultura e arquitetura), quando também se fixou o sistema tonal na música, sistema cuja forte hierarquização só encontrou paralelos na hierarquização da perspectiva monocular na pintura. Faz parte ainda da modernidade a literatura do herói problemático, que teve início com o Quixote e que veio encontrar seu apogeu no romance burguês [...] (SANTAELLA, 2000, p. 107).

Entre as muitas características, os contrastes dessa época se revelam em alguns de seus termos como, esquerda e direita, infra-estrutura e superestrutura, burguesia e proletariado, materialismo e idealismo, que permitiram os incômodos que fizeram frustrar as justificativas das desigualdades. Da mesma forma, é imprescindível não esquecer que “Na base do racionalismo moderno, há um otimismo em que não falta grandeza. Pelo menos, ele permitiu o desenvolvimento científico e tecnológico que, para o melhor e para o pior, leva-nos à aurora do terceiro milênio” (MAFFESOLI, 2004, p. 19-20).

Desse modo, a passagem, no sentido de saída do mesmo, acrescido de mudanças significativas, para a pós-modernidade se dá em meio a frustrações e descobertas. Por isto, qualquer negação da modernidade ou da pós-modernidade pela via ideológica será uma recusa para compreender onde o sujeito se frustra e se descobre, o que efetivamente leva a entender o processo de dentro, posto que não há separação alguma entre a realidade e o ser que a reflete. Seguindo assim essa tônica, falar em pós-modernidade imprime um entendimento de que este termo implica uma mudança na própria condição humana, porque houve alterações nos âmbitos político, econômico, social e no estético, abrangendo não apenas o artístico (literatura, música, pintura etc.) e o cultural, mas incluindo aqui a percepção. Sensato é não falar de pós-modernidade por um único destes vieses que pontuam a sua mudança, pois há uma interligação não aparente entre eles, como por exemplo, a cultura coexistindo com a economia.

Procurando evitar um equívoco muito corriqueiro ao tratar da pós-modernidade, ou seja, o sentido do prefixo “pós”, uma elucidação é indispensável. A este não é atribuído o significado recorrente nas gramáticas “aquilo que vem depois” ou idéia daquilo que se posterioriza em relação a algo, pois a pós-modernidade se ressemantiza com um sentido de continuidade e mudança, sem um traço que divida cronologicamente modernidade/pós-modernidade, sendo, ao contrário, possível afirmar que as características pós-modernas denotam transformações no que antes existia. Refere-se à emergência de uma “não-modernidade”, de processos qualitativamente diferentes, em princípios, daqueles predominantes na modernidade. Dessa maneira, encontram-se nesse novo contexto mudanças expressivas como por exemplos: a terceirização contratual de trabalho, a instalação de fábricas de diversas nacionalidades espalhadas pelo mundo afora, o que hoje se reconhece como globalização, descentralidade no domínio da ordem mundial, ausência de uma moral e cultura burguesa dominante e, especialmente, outras concepções de espaço e tempo, que terminaram por caracterizar singularmente a pós-modernidade. Entendendo estes dois conceitos como essencialmente ligados à produção e materialização da vida social, pode-se ilustrar essa ligação



quando consideramos os modos pelos quais o espaço e o tempo se vinculam com o dinheiro e a maneira como esse vínculo se organiza de modo ainda mais estreito com o desenvolvimento do capitalismo. Tanto o tempo como o espaço são definidos por intermédio da organização de práticas sociais fundamentais para a produção de mercadorias (HARVEY, 1992, p. 218).

Isto diz que a transformação no ritmo da produção capitalista trouxe a partir dessa relação uma valorização ao descartável, o que provocou um modo de pensar, agir e, obviamente, consumir, diferenciados do anterior. Um bom representante é a produção artística nas suas variadas formas, que passou a ser objeto de consumo como qualquer outro e seguindo a lógica do comprável, do desfrutável e do descartável.

Nesta perspectiva, o que se coloca é que há características pertencentes exclusivamente à pós-modernidade, que numa síntese aligeirada, incluem-se o rompimento com a idéia de mundo racionalista fundado em verdades absolutas, com a produção de conhecimento padronizada e também sua própria compreensão e entendimento.

Nesta direção, observa-se em outras instâncias como: a mudança de paradigmas científicos, convívio com a heterogeneidade, redimensionamento do outro (sua identidade e lugar de pertença), economia capitalista não estratificada, com elementos globais e locais e variações locais, estética redimensionada na forma, conteúdo, produção e percepção, quebra de hegemonia cultural etc, tudo isto como mudanças no trinômio sócio-político-econômico, sem sobrepor suas partes, mas interligando fundamentalmente um a outro, para caracterizar seus impactos e o contexto social vigente.

Expostos os “extremos” modernidade e pós-modernidade, como percurso conceitual neste trabalho procurar-se-á, portanto, a partir dessa indagação um lugar, como hipótese contextual, inicia-se a discussão sobre a contemporaneidade. Inicialmente, prefere-se aqui justificar porque contemporaneidade, em seguida conceituá-la, destacando alguns de seus elementos de características ímpares que possibilitam ao Currículo Hipertextual localizar-se. Sendo assim, pensar esta “localidade” se justifica por, primeiramente, não haver um denominar comum entre a modernidade e a pós-modernidade, com suas características singulares a uma e outra que permaneça igual, a não ser que ambas estejam atadas aos modos como o homem, sujeito de sua trajetória, pensa, sente, produz nos âmbitos social, político e econômico. Da modernidade para a pós-modernidade há mudanças, desvios na direção do que estava posto, uma necessidade dialética² da realidade. Mas precisamente, o que se pode afirmar é que há uma

[...] demanda por um espaço epistêmico intermediário, equilibrando-se entre os extremos do universalismo racionalista, de um lado, e do relativismo pulverizador, de outro. [...] Em síntese, o desafio mais premente que se apresenta ao homem contemporâneo está na tarefa da reinvenção da razão (SANTAELLA, 2000, p. 130).

² Compreendida no mesmo sentido de Kierkegaard, ou seja, conexão entre os opostos que não elimina nem anula a oposição e não determina uma passagem necessária para a conciliação ou para a síntese, mas permanece estaticamente na própria oposição (DIALÉTICA, In.: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1. ed. brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 274).



Portanto, uma questão contemporânea importante, diz respeito à crise da razão situada neste “espaço epistêmico intermediário” que se traduz em uma necessidade do sujeito reflexivo e crítico de combinar a atividade racional com os sentimentos, com a realidade, com a vida, estando ambos ocupando o mesmo grau de importância. É um reinventar da razão humana porque ela agora não dá mais conta da realidade sozinha, pois o conhecimento não está apenas na realidade ou na razão operante do sujeito, mas na interação do que este pensa com aquilo que ele mesmo vive.

A segunda justificativa, encontra-se no modo de produção capitalista ainda vigente com características diferenciadas das presentes na modernidade, posto que as distâncias espaciais foram alteradas, a troca e possibilidade de consumo de produtos de variados países tornaram-se cotidianas: come-se McDonalds no Japão, bebe-se vinho do Porto no Brasil, diverte-se com a Lavagem de Rua em Paris etc. - no país de origem, a revolução tecnológica, que alterou completamente a forma de produção, a flexibilidade na relação patrão/empregado e o mercado financeiro, que hoje não conserva seus efeitos em uma única localidade etc. Este capitalismo deu origem a um conjunto de situações ao redor do mundo, onde a desigualdade se legitimou nas suas formas mais antigas combinadas com outras por vezes ainda não devidamente compreendidas pela sociedade. Em resumo, na contemporaneidade,

A atual conjuntura se caracteriza por uma combinação de produção fordista altamente eficiente (com frequência nuançada pela tecnologia e pelo produto flexível) em alguns setores e regiões (como os carros nos EUA, no Japão ou na Coreia do Sul) e de sistemas de produção mais tradicionais (como os de Singapura, Taiwan ou Hong Kong) que se apóiam em relações de trabalho "artesaniais", paternalistas ou patriarcais (familiares) que implicam mecanismos bem distintos de controle do trabalho (HARVEY, 1992, p. 179).

Dito isto, antes de qualquer conceituação, salienta-se que a contemporaneidade é aqui compreendida numa perspectiva pós-moderna, o que quer dizer que seu conceito terá uma certa proximidade com as mudanças anteriormente descritas da pós-modernidade, do que uma aproximação com o que se denomina “modernidade tardia”. Um outro enfrentamento se deve ao fato de como conceituar a contemporaneidade, uma vez que toda tentativa estará radicada na voz do sujeito que fala de algo que o constitui e que é constituído por ele, porque não traduz a separação entre sujeito e objeto (sujeito que pensa e realidade pensada, refletida). A fala é construída a todo momento em que a realidade é vivida. Entretanto, este não é um problema fundamental se se considerar que esta é uma das características fundamentais, pois este é o lugar de quem tem voz na incerteza e multiplicidade, característica contemporânea, o que coloca em dúvida a própria autonomia e poder do sujeito, em que ele é quem reflete e é refletido, o que não traz uma fala precisa e exata, mas preserva a dinâmica que abriga qualquer conceito.

Dessa forma, este conceito pode iniciar considerando que a contemporaneidade advém de um processo que almeja a quebra em crenças estabelecidas, instituições veneradas e as metanarrativas, que promovem o aparecimento de outros discursos, quebra de paradigmas, degusta de práticas artísticas e culturais dentro de uma estética re-configurada, em aspectos distintos, que comporta a diferença não associada e nem restrita à identidade e nem a características que igualam à natureza e uniformidade do sujeito.



Em contrapartida, nesse contexto, a diferença é a base na qual e a partir da qual se articula a identidade como singularização³, assim como, o traço norteador da igualdade entre os homens, através do entrecruzamento de múltiplas culturas, para que a cultura não seja fonte de imitação de “um” no “outro”, como acontece nas políticas imperialistas, por exemplo, a relação econômica entre o Brasil e os Estados Unidos definiu por muito tempo o que o brasileiro assistia nas salas de projeção de cinema.

Assim, a diferença não oportunizava a recriação da identidade de referência, no caso cinematográfica, que cada ser traz na sua inicial formação sobre o cinema. Ela era uma imposição à identidade brasileira com legitimidade social.

Não que a atualidade já tenha abolido os problemas das identidades que tentam se sobrepor umas às outras, mas que “no que concerne a nossa época, podemos postular a predominância do societário (em termos mais triviais do tribal) sobre o individual” (MAFFESOLI, 2004, p. 41). Um dos impulsionadores deste fato é uma interconexão que há de vidas concretas individuais em um contexto que é coletivo. Afinal, há uma sensação de se viver em um mundo e não apenas no lugar de origem, sendo cada indivíduo ligado e ligando-se a outros, numa hipertextualidade muito bem ilustrada pelos múltiplos eventos sociais espalhados pelo mundo. Como exemplos:

Aglomerções musicais das quais a Techno Parade, a mais recente, oferece uma sonora ilustração. Comunhões religiosas, como as Jornadas Mundiais da Juventude, em Paris. Êxtases esportivos, como bem mostrou, pouco tempo atrás, a Copa do Mundo. Em termos mais cotidianos, celebrações culturais, dentre elas as múltiplas "jornadas" e festivais (solenidades oficiais, festas nos parques, musicais, etc.) e as festas do consumo, nos hipermercados e nos múltiplos saldos e liquidações que são os templos contemporâneos (MAFFESOLI, 2004, p. 78-79).

As Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC⁴ têm uma importância fundamental para a configuração dessa hipertextualidade. Através de sistemas de comunicação, uma cultura penetra a outra independentemente de onde ela se situa econômico-socialmente. Isto também se aplica aos homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, ricos, pobres, cabendo a cada um ser produtor e consumidor de mensagens de todo tipo, em qualquer lugar, o que configura uma transformação no cerne das relações humanas, através de uma inteligência coletiva⁵ e de uma vivência numa outra configuração cultural – a cibercultura⁶. Neste sentido, as TIC são consideradas um fenômeno não apenas tecnológico, mas, sobretudo, mudanças que potencializam propriedades humanas como o raciocínio, a memória, a percepção e a imaginação, acarretando para o conhecimento uma alteração na sua produção, acumulação e difusão.

Sendo assim, fala-se em uma tecnologia intelectual que associa a idéia de informação à fonte de conhecimento, o que faz com que as delimitações científicas se reorganizarem, no que

³ Em entrevista em 20.04.2008.

⁴ Para fins de dinamizar a leitura, ao longo desse texto, se usará apenas a sigla TIC.

⁵ Compreendida como uma nova forma e difusão do pensamento, a partir das TIC, prioritariamente a INTERNET, dentro das redes sociais e conexões entre os sujeitos, que neste espaço se realizam.

⁶ Podemos compreender por cibercultura essa simbiose entre a sociabilidade contemporânea e as novas tecnologias criando uma cultura que se apropria da tecnologia para descarregar todo o vitalismo e toda a efervescência refutada por dois séculos de modernidade [...] (LEMOS, 2000, p. 94).



tange aos seus limites e alcance, porque são muitos os contextos e linguagens neste novo ambiente de troca simbólica.

Na contemporaneidade, desse modo, nenhuma hegemonia em relação ao conhecimento é compatível com as possibilidades que ele tem de ser construído, por meio das múltiplas linguagens presentes nos vários contextos e das muitas ressignificações produzidas pela subjetividade humana. No atual contexto, o conhecimento científico é apenas um dos muitos saberes que circulam nos múltiplos territórios⁷, fazendo com que se discuta, agora, o saber numa instância maior, que se atualiza, a partir da criação e subversão, presentes nos sujeitos que o operam/produzem/criam.

Isto funciona como um indicativo de que a imprevisibilidade da vida e das singularidades humanas são possibilidades de formação e aprendizagem. Logo, o saber encontra um espaço onde não há mais um isolamento para a sua produção, como o espaço acadêmico legitimado para tal. Este é um dos elementos mais importantes que ratificam a contextualização do currículo hipertextual.

CONCLUSÃO

Destarte, a forma como se configura hoje o currículo corrobora para atender às demandas da modernidade, com a separação rígida entre conhecimento científico e conhecimento cotidiano, numa divisão que hierarquiza e limita a própria formação. Nesta perspectiva, o currículo segue dando mais importância a direção que aponta o discurso científico. Os sujeitos formam-se deslocados dos seus contextos não-formativos, com sua capacidade criativa voltada para práticas tecno-científicas que não atendem mais as demandas e questões que a contemporaneidade traz. Por esta razão, pensar um contexto para o Currículo Hipertextual é não apenas situá-lo em um lugar, mas rever em suas bases, sua implicação social e política. Toda discussão em torno do currículo envolve uma implicação direta dos sujeitos em seus contextos, porque só assim torna-se possível promover uma formação humanista, comprometida com o social e com a qualidade de vida.

Mas, para que se chegue a busca de uma conceituação, ou melhor, uma compreensão de tais questionamentos se faz aqui necessário pontuar caminhos. Apesar da contemporaneidade ser espaço aberto que tem em sua pauta, se não a prática, pelo menos, a abertura a um pensamento que não se sustenta sob o autoritarismo e que dá um valor aos saberes cotidianos, uma atenção é necessária à diferença que tem as TIC como espaço de criação, no que diz respeito à forma como as relações hipertextualmente se re-configuram neste cenário.

Isto se deve a presença de um elemento que implica uma certa limitação a esta formação mais humanizada, dentre elas: a freqüente banalização da vida do homem, através da violência, da barbárie, da incompreensão, do descaso, da ganância e dos (ainda e tantos) resultados catastróficos em nome de um desenvolvimento que não respeita a natureza, anti-sistêmico e bastante concorrente da própria vida.

⁷ Lembrando que, segundo Meffesoli, trata-se antes de um lugar, uma incógnita, simbólico, relativo ao sentido que a subjetividade humana atribui, fundando esta instância.



O Currículo Hipertextual, portanto, está relacionado às condições contemporâneas, sobretudo, porque, como ele mesmo, não é método, mas espaço de reflexão existente, para que sob a autonomia, que a todo sujeito pertence, ela também seja abertura a liberdade de transformação, pelas práticas e escolhas coletivas. Segundo Lima Jr.⁸, ele é um lugar vazio a ser preenchido, singularizado, pelo sujeito, com seu contexto, em uma materialidade simbólica. Deixa de ser um significado, exterior ao sujeito e sem contexto histórico-social-subjetivo, para ser um lugar-incógnito na cadeia de significante que remete sua expressividade (política, social, histórica, etc.) à razão de ser do sujeito.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. rev. e aum. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014 p. Título original: Dizionario di filosofia.

BRUN, Jean. **Os Pré-Socráticos**. Tradução de Armindo Rodrigues. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991. 110 p. Título original: Les présocratiques.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 349 p. Título original: The Condition of Postmodernity.

LEMOS, André. Cibercultura: técnica, sociabilidade e civilização do virtual. In: PRETTO, Nelson (Org.). **Globalização & Educação: mercado de trabalho, tecnologias da comunicação, educação à distância e sociedade planetária**. 2. ed. Injuí: Ed. UNIJUÍ, 2000. p. 78-97. (Coleção livros de bolsa. Série terra semeada).

MAFFESOLI, Jean-François. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004. 115 p. Título original: Notes sur la postmodernité.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2000. 292 p.

⁸ Em entrevista de 03.07.2008.